

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

169

INSCRIÇÕES 654-656



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



PEGA DE CERÂMICA COM O VOTO VTF

Foi exumado, a 9 de Setembro de 1981, na 1ª campanha levada a efeito, sob a direcção de Clementino Amaro, na *villa* de Outeiro da Mina, freguesia de Figueira dos Cavaleiros, concelho de Ferreira do Alentejo, distrito de Beja – ou seja, no território do que foi, na época romana, o *Conventus Pacensis* – um cabo de *trulla*, de cerâmica, com a legenda VTF. Foi-lhe atribuída, na altura, a marcação: O.M. 115. Está exposto, com o nº 69, no Museu Municipal de Ferreira do Alentejo, tendo como número de inventário: MMF.OM.7/2004.

Não foi alvo de estudo epigráfico nem histórico; cumpre, por isso, dar conta da sua importância documental.

Temos, pois, a pega de uma concha (*trulla*, em latim), a que falta a parte côncava. Não admira que tenha uma inscrição – neste caso, o voto **VT(ere) F(elix)** – por se tratar de objecto a que se dava, de facto, alguma importância no conjunto dos utensílios de cozinha. Podia, neste caso, ter sido objecto de oferta a quem – homem ou mulher – mais, na casa, se dedicasse às lides culinárias. Anote-se, contudo, que não era concha para uso, mas para decoração, como brinde a religiosamente guardar em lugar destacado da casa!...

Provavelmente foi produzido, até, manualmente, em duas partes que se colaram após a moldagem, circunstância que terá concorrido para facilitar a fractura. Verifica-se que, apesar de se tratar de mui singelo cabo cerâmico, houve requinte por parte do

oleiro, que moldou salientes as letras e cuidadosamente as inseriu no rectângulo do cabo, com um cordão (de 2 e 3 mesmo) a limitá-lo; perícia houve também em deixar as arestas encurvadas, ao jeito da mão a pegar.

E. Pottier, no artigo «Trulla» que escreveu para o *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, de Daremberg e Saglio, explicita (p. 520) que havia *trullae* de materiais preciosos e dá como exemplo a descrição feita por Cícero de um *vas vinarium*, cuja concha era duma única gema enorme, com cabo (*manubrium*) de ouro.¹ Conta também Pottier que Petrónio quebrou, antes de morrer, uma *trulla* de vidro murrino, que lhe custara 300 sestércios, porque não a queria abandonar à cupidez de Nero.² Menciona Juvenal (*Sátiras*, 3, 108) uma *trulla aurea*; refere-se Cícero (*In C. Verrem actio secunda*, IV, 63, 10) a uma *trullam gemmeam*, ou seja, ornada de pedras preciosas; Catão (*De Agricultura*, 13, 2) alude a *trullas aheneas*, «de cobre». Em inscrições, encontramos três exemplos referentes a *trulla argentea*, «concha de prata», nomeadamente em contexto de oferendas sacrificiais: CIL II 2326 (Peñaflor, Sevilha), CIL IV 8821 (Pompeios) e CIL X 6 (em *Regium Iulium*), explicitando-se, em relação a esta última, que estava decorada com relevos (*anaglypta*).

Sirvam estes exemplos para atestar o relevante interesse deste achado. É que, na impossibilidade de oferecer – como aos deuses... – uma concha de ouro ou de prata, o ofertante de Ferreira do Alentejo optou pelo modesto material que tinha à mão; não hesitou, porém, em nele mandar gravar o que o oleiro bem saberia fazer, as três siglas de um voto: que sejas feliz, ao usares desta concha. Prova cabal de uma população que já acedera a um bom grau de cultura. Anota-se na ficha do inventário do museu

¹ A passagem, em que se descrevem os objectos que um pretor fizera questão em apresentar para uma ceia, é a seguinte: «Erat etiam vas vinarium ex una gemma pergrandi trulla excavata manubrio aureo de qua credo satis idoneum satis gravem testem Q. Minucium dicere audistis» (Cícero, *In C. Verrem actio secunda* IV – 62,17)

² A história é contada por Plínio, na sua *História Natural* (37, 7): «T. Petronius consularis moriturus invidia Neronis, ut mensam eius exheredaret, trullam myrrhinam HS CCC emptam fregit».

que será, mui possivelmente, objecto do tempo dos Flávios, ou seja, da 2ª metade do século I da nossa era. Estamos de acordo.

A expressão *utere felix* – por extenso, em siglas ou em abreviaturas – é muito corrente em objectos de um certo valor, nomeadamente anéis. A base de dados de Clauss (<http://www.manfredclauss.de/gb/>) regista 237 testemunhos, sendo também frequente o uso das três letras, como aqui. A título de exemplo, citamos: um anelzinho de ouro achado em Mérida (registo nº 15 303 da HEpOL); outro anel, proveniente de Villafranca de los Barros (Burguillos, Bética) – CIL II 6260₂₀; o conhecido anel poligonal de ouro encontrado numa sepultura em Dierna (CIL III 1703a)...

A pega mede 4,4 a 5 cm de comprimento; 2,7/2,8 de largura; 0,9/1,0 cm de espessura.

Altura das letras: V = 0,7; T = 0,8; F = 0,9. Espaços: 1: 0,5; 2: 0,3/0,1 cm.

O V é bastante aberto; a barra do T é bem perpendicular; F cursivo na obliquidade das barras (a média ligeiramente mais curta) e na terminação inferior do traço vertical.

JOSÉ D' ENCARNAÇÃO

MARIA JOÃO PINA



JOSÉ LUIS MADEIRA | 2018